

Almeida, Maria Antónia Pires de, Conceição Andrade Martins (2002), “Maltês”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, pp. 219-220. ISBN: 972-774-133-9.

Maltês.

Grupo: Trabalhadores.

Variantes: Cigano, Vadio.

Malteses foi o nome por que começaram a ser conhecidos os vadios no Alentejo em finais de Antigo Regime (Silbert, 1966). Era nesta região que estes homens, regra geral na “pujança da vida” (entre os 25 e os 30 anos), mas sem domicílio fixo nem profissão ou ocupação e que viviam à custa dos lavradores apesar de “terem robustez para todo o trabalho”, tinham maior expressão (Pacheco Pereira, 1980). Embora Pereira (1932) fale dos “maltezes ou ciganos” como nómadas que vão de monte em monte prestando trabalhos temporários, a designação de maltês assume frequentemente um carácter depreciativo e equiparado a vadio e cigano. Em 1910 e 1911 a *Folha do Sul*, por exemplo, refere-se várias vezes aos malteses como “a praga daninha” da agricultura e compara-os aos ladrões, logo a criminosos. Ora esta correlação pode advir, em parte, do facto da criminalidade e do banditismo serem, antes das greves do início da República, “a manifestação mais saliente da luta dos trabalhadores rurais” (Pereira, 1980), que durante uma parte do ano ou não tinham trabalho, ou não tinham trabalho suficiente para todos e por isso recorriam (ou podiam recorrer) à vadiagem, mas sobretudo na época das ceifas trabalhavam como jornaleiros.

Ao escrever, em finais do século XVIII, o seu “Racional discurso sobre a agricultura, e população da província de Alentejo”, António Henriques da Silveira incluiu um capítulo intitulado: “A multidão de mendigos, de que abunda a província e reino, é pernicioso à sua cultura”, onde criticava a ociosidade, produtora de vícios, destruidora das virtudes e fomentadora das rebeliões, responsável pela cessação da cultura dos campos, do trabalho dos ofícios e que retira os recrutas dos exércitos... “Destes pobres (se tal nome se deve dar a vadios) se poderá formar um numeroso exército na província do Alentejo. Todos eles andam girando, ou roubando de dia, e passam noites nas cabanas dos lavradores, que lhes fornecem a sustentação...” Nos dias de

festa juntam-se multidões de mendigos à porta dos lavradores para comerem as sobras; “porém o justo receio de que estes celerados lhes lancem fogo às searas, ou palheiros (repetidas vezes se tem praticado esta maldade) os obriga a dar-lhes a esmola que eles não merecem...”. Ezequiel de Campos também se queixa do regime instável da agricultura alentejana, devido às “multidões seminómadas e incertas de vida que laboram na cultura extensa...” (Cabral, 1974). Mas pior ainda, este autor chama-lhes “tarados da mendicidade oficial”!

Teófilo Braga (1885), por seu lado, associa-os aos **Ratinhos***, descrevendo-os como operários da Beira contratados pelos manageiros para, durante 3 a 4 meses trabalharem nas carvoarias do Alentejo; têm costumes desregrados que se acham parodiados numa oração popular comum a Portugal e à Andaluzia. Silva Picão (Elvas, 1903), também os descreve de forma negativa: “Ao cair da tarde outra ordem de indivíduos aborda os montes, ora em grupos de três e quatro, ora isolados, a um e um, todos com manifesto desembaraço. Novos e ágeis pela maior parte, não inspiram simpatia a quem os vê, antes causam asco e repulsa, pelos seus tipos hediondos, sujos e esfarrapados. Estes párias desprezíveis são os chamados *malteses* (...) súcia de vadios...”.

Léon de Poinsard, que escreveu sobre Portugal em 1910, tem outra perspectiva: os malteses e os vadios surgem com a falta de trabalho e fazem qualquer tipo de actividade para combater a fome, desde apanhar espargos, caçar, etc. Em princípio, o seu objectivo é *ajustar-se* numa lavoura, como é descrito por Noel Teles nas novelas do livro *Lua Santa* (1942), mas nem todos o desejavam, preferindo uma vida mais livre e independente, trabalhando apenas quando tinham necessidade. Isto, naturalmente, enquanto não tinham família, nem responsabilidades.